

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

24

U

LISBOA

Centro
de História



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Editor Principal:

NUNO SIMÕES RODRIGUES

FICHA TÉCNICA

Editor Principal / Editor-in-chief: Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos / Co-editors: Amílcar Guerra; Luís Manuel de Araújo

Assistentes de Edição / Editorial Assistants: Catarina Almeida; Eduardo Ferreira; Maria Fernandes; Martin Aires Horta; Tiago de Oliveira Alves

Redacção / Redactorial Commitee: Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa); Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa); Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa); Maria de Lurdes Palma (Universidade de Lisboa); Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa); José das Candeias Sales (Universidade Aberta); António Joaquim Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa); Rogério Sousa (Instituto Superior de Ciências da Saúde); Ricardo Tavares (Universidade de Lisboa); Cláudia Teixeira (Universidade de Évora); Maria Ana Valdez (University of Massachusetts Lowell)

Comissão Científica / Editorial Board: Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano); John J. Collins (Yale University); Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico); Ken Dowden (University of Birmingham); José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra); Francolino Gonçalves (École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem); Judith P. Hallett (University of Maryland); Lloyd Llewellyn-Jones (University of Edinburgh); Antonio Loprieno (Universität Basel); Josep Padró (Universitat Autònoma de Barcelona); Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa); José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa); José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid); Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra); Giulia Sissa (University of California, Los Angeles); Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid); Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Arbitragem científica para a presente edição / Peer-reviewers for the current edition: Alberto Bernabé (Universidad Complutense de Madrid); José Luis Brandão (Universidade de Coimbra); Maria Cecilia Colombani (Universidad Nacional de Mar del Plata); Jose Miguel Serrano Delgado (Universidad de Sevilla); Paula Barata Dias (Universidade de Coimbra); Radcliffe Edmonds III (Bryn Mawr College); Thomas J. Figueira (Rutgers University); Roxana Flammini (Pontificia Universidad Católica Argentina); Rodrigo Furtado (Universidade de Lisboa); Marta González González (Universidad de Málaga); Helen King (Open University); Delfim Leão (Universidade de Coimbra); Fábio de Souza Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro); Armando Martins (Universidade de Lisboa); Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa); Ana Elías Pinheiro (Universidade de Coimbra); José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa); Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra); Cláudia Teixeira (Universidade de Évora); Francisco Martín Valentín (Instituto de Estudios del Antiguo Egipto); Angélica Varandas (Universidade de Lisboa)

CADMO - Revista de História Antiga
Centro de História da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt
<http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo.html>
<http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo-english.html>

Execução gráfica: Sersilito–Empresa Gráfica Lda.

Tiragem: 150 exemplares

Periodicidade: Revista Anual

Depósito Legal: n.º 54 530/92

ISSN: 0871-9527

Preço de venda ao público: €10.00

This work is funded by national funds by FCT – Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013



This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

Estudos

<i>José das Candeias Sales</i> Serpentes na colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian	9
<i>Maria Cecília Colombani</i> La relación saber-poder-verdad en los Antiguos	31
<i>Isaque Pereira de Carvalho Neto</i> Mistério e repetição no mito de Ísis e Osíris.	51
<i>Filipe do Carmo</i> As Tiránias Sicilianas do Início do século V a.C. Aspectos Ideológicos do Poder. Parte III- Hieron.	69
<i>Gustavo Garcia</i> “That sickly and sinister youth”. The first considerations of Syme on Octavian as a historical figure	87
<i>Carla Susana Vieira Gonçalves</i> Tácito e o capítulo 42 do <i>Agricola</i>	111
<i>Paula Barata Dias</i> A Serpente Tartaruga. O testemunho de <i>O Fisiólogo</i> acerca dos monstros marinhos e da baleia	123
Recensões	143

RECENSÕES

PAUL CHRISTESEN et DONALD G. KYLE (2014), eds., *A Companion to Sport and Spectacle in Greek and Roman Antiquity*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd., 658 pp. ISBN 978-1-4443-3952-9 (£126.00).

Em boa hora foi publicado este *Companion* da Blackwell que de uma forma feliz junta o desporto/atletismo grego com os espectáculos/*ludi* romanos. Com efeito, apesar de eventualmente discutível, o facto é que, na Roma Antiga, o que parece ter estado mais próximo do desporto grego terão sido os *ludi* romanos.

O livro está dividido em duas secções, uma primeira dedicada à Grécia e uma segunda centrada na Roma Antiga. Cada secção, por sua vez, subdivide-se em quatro partes. A Parte I da secção grega, «The Background» (pp. 19-129), recupera o tema das origens dos jogos e dos desportos na Grécia, analisando as fontes literárias mas também as fontes da cultura material, designadamente a epigrafia. É ainda de salientar um estudo de I. Weiler, que faz uma síntese das tendências interpretativas da problemática do desporto na Grécia Antiga. A Parte II, «Places» (pp. 131-207), centra-se essencialmente nos lugares em que, na Grécia, o desporto teve honras de protagonismo (Olímpia, Esparta, Atenas, Peloponeso e o Ocidente grego). Mais uma vez, as sínteses apresentadas resultam de uma análise conjunta das fontes literárias com as informações de natureza arqueológica. A Parte III, «People, Settings, Ideas» (pp. 209-345), percorre sobretudo os aspectos da história social e a forma como o desporto se inseria e articulava com as sociedades gregas antigas, designadamente ao nível da educação, do género, das instituições e das infra-estruturas, da religião e da vivência quotidiana. A Parte IV, «Later Greek Sport and Spectacle» (pp. 347-375), aborda a problemática do desporto no período helenístico.

No que diz respeito à secção II, dedicada a Roma, a Parte I, «The Background» (pp. 379-461), retorna também às origens quer do desporto quer dos *ludi* em geral, no mundo romano. Tal como acontece com a secção dedicada à Grécia, encontramos aqui um capítulo final, da autoria de J. Toner, acerca da epistemologia do âmbito do estudo do espectáculo e do desporto na Roma Antiga. A Parte II, «Spectacles and Sport in Rome» (pp. 463-542), apresenta reflexões sobre os vários tipos de *ludi* e temáticas a eles associadas: e.g. combates de gladiadores e de gladiadoras, corridas de carros, *uenationes*, encenações e condenações *ad bestias*, mas também sobre o desporto, em sentido estrito. A Parte III, «People, Settings, Ideas» (pp. 543-616), segue o

modelo da parte equivalente na secção grega, abordando essencialmente problemáticas relacionadas com a história social do mundo romano. Por fim, a Parte IV, «Later Roman Spectacle and Sport» (pp. 617-645), trata da recepção dos *ludi* romanos no Oriente e na Baixa Antiguidade.

Ao contrário de outros volumes desta série, o presente tem apenas um índice geral, sendo a bibliografia individualizada e remetida para o final de cada capítulo a que diz respeito. Sente-se, por isso, a falta de um índice de passos citados. Isso não minora, todavia, a importância do livro para o estudo das culturas clássicas.

Nuno Simões Rodrigues

THOMAS K. HUBBARD (2014), ed., *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd., 651 pp. ISBN 978-1-4051-9572-0 (£125.00).

Apresentado com a famosa *Warren Cup* na capa, este livro reúne 37 textos de especialistas em Ciências da Antiguidade, tendo como denominador comum a sexualidade no mundo greco-romano. Da já vasta bibliografia dedicada a este tema, este é talvez o livro, até à data publicado, onde melhores sínteses e estados da questão podem ser encontrados, no que diz respeito ao tema em análise. Com efeito, cremos poder afirmar, sem qualquer sombra de dúvida, que se trata de uma excelente obra de conjunto.

Problemáticas como a teoria da história da sexualidade (texto de M. B. Skinner), as perspectivas e importância de Foucault (texto de K. Ormand) e a recepção contemporânea do tema das sexualidades antigas (textos de A. J. L. Blanshard, M. M. Kaylor, H. P. Obermayer, M. S. Cyrino) fazem equilíbrio com análises mais concretas, como são as que encontramos das problemáticas do homossexualismo masculino e feminino na Antiguidade Clássica (textos de A. Lear, T. K. Hubbard, S. Boehringer), da prostituição (texto de T. A. J. McGinn), da relação entre sexualidade e religião (textos de J. Larson, de K. L. Gaca e de M. R. D'Angelo), sexualidade e atletismo (texto de N. Fisher), sexualidade e polemologia (texto de D. D. Leitao), sexualidade e literatura (textos de I. E. Holmberg, R. Rawles, B. Natoli e H. M. Roisman), sexualidade e filosofia (textos de J. Jope, A. Glazebrook e T. Wade Richardson), sexualidade e arte (texto de J. R. Clarke) e ainda a cumplicidade entre

corpo e sexualidade (texto de M. Florence). Enfim, a sexualidade na história da Antiguidade Clássica *tout court*.

O volume revela-se assim uma perspectiva abrangente, se não mesmo completa, da problemática, sendo sempre preocupação dos vários autores a apresentação de leituras de síntese essencialmente baseadas nas fontes antigas. Integrado na já tradicional linha dos «Companions» da Blackwell, este livro vem preencher mais uma lacuna e ao mesmo tempo confirmar que a História da Sexualidade ou dos comportamentos sexuais e suas percepções não foi um epifenómeno que se terá esgotado com os trabalhos de M. Foucault. Antes pelo contrário.

Cada artigo é acompanhado da respectiva bibliografia de referência, a qual se restringe, como necessário, às obras fundamentais no domínio de cada tema estudado. No entanto, se procedermos a uma listagem completa dos textos referidos em cada bibliografia individual, obteremos uma perspectiva assinalável do quanto se tem escrito neste domínio. Um índice final de passos citados enriquece substancialmente o volume. Nunca é demais recordar que este é instrumento precioso para os investigadores. Por outro lado, sentimos falta de um índice remissivo/topo-antroponímico.

Nuno Simões Rodrigues

KEN DOWDEN et NIALL LIVINGSTONE (2014), eds., *A Companion to Greek Mythology*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd., 643 pp. ISBN 978-1-4051-1178-2 (£32.50).

Esta é a edição *paperback* do «Companion» de Mitologia Grega da Blackwell, originalmente publicado em *hardback*, em 2011. O livro é composto por seis partes, as quais são introduzidas por um denso texto dos editores, K. Dowden e N. Livingston, que tem como objectivo sobretudo apresentar as várias perspectivas epistemológicas de que o mito se tem sustentado ao longo dos séculos. Neste sentido, a introdução dos AA. não só cumpre o seu objectivo como é da maior utilidade enquanto «estado da arte» no que diz respeito a esta problemática.

A Parte I, «Establishing the Canon» (pp. 25-106), aborda essencialmente a problemática das fontes mitológicas, regressando aos textos fundacionais da cultura grega, i.e. os Poemas Homéricos (com texto

de F. Létoublon) e Hesíodo (texto de K. Dowden), aos quais se junta uma reflexão de R. G. Edmonds III sobre a mitologia órfica. Teria sido interessante encontrar nesta parte textos introdutórios a Higino, Apolodoro, Eratóstenes, Antonino Liberal e, claro, Ovídio. Tão-somente porque se trata igualmente de mitógrafos clássicos, apesar de quase todos radicados nas fontes homéricas e hesiódicas, e como tal bases de pesquisa nestas matérias.

A Parte II, «Myth Performed, Myth Believed» (pp. 107-207), aborda problemáticas como o recurso ao *corpus* mitológico enquanto matéria poética (textos de I. Rutherford, J. Alaux), mas também filosófica (textos de N. Livingston e P. Murray), histórica (texto de A. Griffiths) e artística (texto de S. Woodford). Em suma, trata-se da expressão mitológica nas plataformas essenciais da cultura grega.

A Parte III, «New Traditions» (pp. 209-337), assenta sobretudo em questões de recepção da mitologia grega, contudo, na própria Antiguidade. O período helenístico (textos de F. Graf, A. Mori e K. Dowden), o mundo romano (textos de M. Fox e de Z. Newbye) e o cristianismo (texto de F. Graf) são os temas que funcionam como perspectivas a partir das quais se reconsidera o mito grego nesta parte.

A Parte IV, «Older Traditions» (pp. 339-410), traz à colação a pertinente questão das influências orientais, mas também a do indo-europeísmo, na mitologia grega. Aqui encontramos textos de N. J. Allen, A. Livingstone, B. Haskamp, N. Marinatos e N. Wyatt.

A Parte V, «Interpretation» (pp. 411-524), é a mais heterogénea do volume, contendo reflexões sobre questões fundamentais da mitologia grega, como e.g. a problemática de Tróia (texto de D. Hertel), questões de género (texto de S. Lewis) ou de etnia/cultura (texto de I. Rutherford). Mas aqui encontramos também uma interessantíssima exposição sobre as teorias da psicanálise e sua relação com a mitologia grega (texto de R. H. Armstrong).

A VI e última parte, «Conspectus» (pp. 527-547), funciona como conclusão do volume, na qual lemos sobre o estudo da Mitologia Grega ao longo dos séculos, num texto de J. N. Bremmer.

Há que referir que este é um dos volumes mais completos da colecção dos *Companions Blackwell*. Nele encontramos úteis índices de passos citados, mas também de nomes e assuntos. Este livro consagra-se assim como um instrumento essencial para todos os estudiosos da mitologia clássica.

Nuno Simões Rodrigues

MARIO REGALI (2012), *Il poeta e il demiurgo. Teoria e prassi della produzione letteraria nel Timeo e nel Crizia di Platone* (International Plato Studies 30), Sankt Augustin, Academia Verlag, 213 pp. ISBN 978-3-89665-582-0 (€49.00).

Nas breves páginas que dedica à sua Introdução, Mario Regali mostra-se ciente do que de mais novo foi produzido no campo dos estudos platônicos. Nesse pequeno segmento, referências a pesquisas das últimas duas décadas dividem espaço com menções a pesquisas de nomes consagrados, entre os quais Pierre Hadot. Isso não se dá sem bons motivos; fundamentado nessas pesquisas, Regali pode recordar que a relação de Platão com a poesia vai além da «condenação, apenas aparente, do livro X da República» (p. 9) e que esta pode ser útil à *polis* quando adequada à investigação especulativa. É isso o que lhe permite determinar o escopo de sua pesquisa: «coniu-gare l'approccio critico mostrato dalle recenti ricerche sulla poetica di Platone con i risultati raggiunti dalla esegesi sul *Timeo* e sul *Crizia*, per indagare [...] il contributo che [...] possono offrire alla concezione generale di produzione letteraria che è possibile attribuire a Platone (...) [e] verificare se tramite la prospettiva letteraria è possibile illuminare alcuni aspetti del *Timeo* e del *Crizia*» (p. 10).

É pela análise dos componentes literários dos relatos sobre o demiurgo e Atlântida que Regali realiza sua tarefa. No capítulo primeiro, ele analisa como Platão constrói seus textos a partir de alusões aos gêneros tradicionais da literatura: é assinalada, mediante o destaque de certos vocábulos, a presença da elegia simposial, do *epos* e do teatro, tal como de temas que evocam hinos e encômios salvos da condenação no livro décimo da *República*. No mesmo âmbito, Regali também se debruça sobre a construção e posição dos personagens de Sócrates, Timeu e Crítias, revelando como os traços de excelência de cada um busca fundamentar, sobre bases sólidas, «il tentativo di riforma della produzione letteraria della tradizione» (p. 176). Nesse aspecto, relacionar o que afirma Regali ao que Platão expõe na *República* é particularmente esclarecedor.

No segundo capítulo, o mais curto, o recurso de Platão aos gêneros literários da tradição se torna ainda mais claro. Regali analisa aqui o emprego da técnica épica do retardamento no *Timeu* e *Crítias*, mas não sem antes recordar como ela é utilizada por Homero, com especial ênfase no Catálogo das Naus. A partir do modelo homérico, pode notar-se como Platão se fundamenta no *epos* ao intercalar o prólogo

sobre Atlântida, a narrativa – aparentemente deslocada – de Timeu sobre o demiurgo e o relato acerca da famosa ilha. Mas isso não é tudo: Platão, mostra-nos Regali, não emprega esse retardamento apenas nessa estrutura mais ampla, mas também no interior dos diálogos, nos quais detalhes são apresentados com vagueza, indo e voltando no tempo, para «dilatar o horizonte de espera» e ampliar o interesse do leitor pelo que está por vir.

Recorrendo novamente à autoridade das críticas recentes, o Capítulo III se inicia com o esclarecimento das várias nuances semânticas que o termo *mimesis* assume na obra de Platão. Com base nisso, é possível identificar certos traços da *mimesis* platônica no relato de ambos os títulos tratados, de modo particular no *Timeu*, por cujo personagem homônimo Platão também «construisce una trama di corrispondenze fra il narratore [...] [e] i suoi personaggi [...] che richiamano il rapporto mimetico fra poeta, pubblico e personaggio [...] che [Platone] considera il fulcro della produzione letteraria e della sua fruizione» (p. 146). Emerge da cuidadosa análise de Regali a possibilidade de uma prática mimética positiva, de acordo com as normas de Sócrates e os resultados da investigação especulativa cara a Platão; com efeito, a construção de Timeu e Crítias se mostra em pleno acordo com as diretrizes estabelecidas em sua República ideal.

O Capítulo IV de *Il Poeta e il Demiurgo* se volta especificamente à figura deste último; porém, embora retome os problemas encontrados por quem deseja definir qual é seu estatuto ontológico (inclusive no período da Academia antiga), opta por vê-lo sob a perspectiva literária. Regali recorda o papel do demiurgo como agente e, recorrendo tanto ao *Fédon* quanto à *Poética* de Aristóteles, relaciona a importância dessa agência para a sua classificação enquanto *mythos*. Também a partir de Aristóteles – e, dessa vez, ainda da *República* –, a relevância da *praxis* é destacada: inferior apenas à *mimesis* no contexto do debate sobre a produção literária, ela vincula o relato do *Timeu* às reflexões normativas estabelecidas por Platão no plano da teoria literária e demonstra o novo projeto literário a que aponta o filósofo.

O capítulo final retorna à esfera prática da relação entre a tradição literária e a produção platônica. Dessa vez, o autor toma como foco a figura do demiurgo, de modo particular seu nome e seu discurso aos deuses. Recorrendo à etimologia, «uno strumento della tradizione» (p. 175), demonstra como Platão retirou do proêmio dos *Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, a base do jogo etimológico relacionado ao nome

do personagem. Além da etimologia, diz o autor, o discurso do próprio demiurgo evoca os *Trabalhos*: «la descrizione della potenza del demiurgo nel discorso agli dei è costruita sul modelo dell'aretologia di Zeus negli *Erga* tramite puntuali accordi nella dizione» (p. 178). O que faz Platão, em suma, é «attraverso l'etimologia [...] recupera[re] il contributo di Esiodo» e a ele conferir, para além da esfera etimológica, «una funzione ideologica nello sviluppo complessivo del cosmo richiamato dal *Timeo* al *Crizia*» (p. 175).

Il Poeta e il Demiurgo é, sem dúvida alguma, livro de enorme erudição: é escrito por um especialista para especialistas. Sua farta bibliografia e as numerosas notas de rodapé (666 no total) abrem uma série de veredas para quem deseja aprofundar suas pesquisas, ao mesmo tempo que apresentam panorama bastante completo daquilo que já foi dito sobre o assunto.

Hugo Langone

NICOLAS RICHER (2012), *La Religion des Spartiates. Croyances et cultes dans l'Antiquité*. (Histoire 113) Paris, Les Belles Lettres, 816 pp. ISBN 978-2-251-38113-8 (55.00€).

Na sequência dos seus trabalhos nas últimas décadas, Nicolas Richer apresenta uma obra sobre o assunto de que é académico de referência, o sistema religioso de Esparta. A monografia, contudo, não procura ser uma síntese regional orientada em torno dos conceitos fundamentais de culto, divindade e função desdobrados sobre a geografia da Lacónia de acordo com a documentação existente. Valoriza-se, essencialmente, a comunidade dos *homoioi* como eixo condutor do raciocínio monográfico e chave preferencial para a interpretação dos fenómenos religiosos historiáveis. Para Richer, são as relações permanentes entre o divino e as dinâmicas do grupo que organizam os elementos do rito, as narrativas mitológicas e estruturam as crenças. As respostas encontram-se na interpretação dos comportamentos, ritmos do quotidiano e da vivência de cada um enquanto espartano. A organização dos conteúdos obedece de uma forma clara a este programa de exegese, pelo que é evitada a exposição extensiva dos cultos do território, sendo somente alguns escolhidos para estudos de caso quando enquadrados no nexo da proposta.

Tal orientação não significa que esta obra seja, de forma alguma, posta em causa como trabalho de referência. Richer propõe um discurso coerente que concilia as problemáticas introdutórias de cada tema com as suas próprias hipóteses, fundamentando-se numa extensa bibliografia e num completo conjunto de notas. É trabalhado um largo espectro de fontes, embora seja manifesta uma relevante preferência, talvez necessária, pelos testemunhos de Xenofonte e Platão, sendo que, quanto ao último, Richer procura inferir referências ao espírito religioso e comportamento dos Espartanos nas construções da cidade ideal, principalmente a partir do quadro apresentado em *As Leis*. Quanto ao tratamento de fontes tardias, como Pausânias e Luciano, recebem uma análise cuidada para assegurar a validade dos dados fornecidos em eventuais projecções das suas informações para o período clássico e arcaico.

A obra inicia com uma listagem possível de cultos mais importantes, referenciados de acordo com o suposto impacto na vida de cada espartano e na comunidade por três categorias: iniciação, paz e guerra. Segue-se aquele que talvez seja o mais interessante capítulo da obra, dedicado à deificação dos chamados *pathēmata*, abstrações que Richer define como o conjunto de sentimentos trabalhados e revalorizados pela sociedade espartana na procura de um certo ideal de auto-controlo, como *Aidos*, *Hypnos* ou *Phobos*. A propósito deste fenómeno, o autor apresenta uma série de noções essenciais para a vivência religiosa da comunidade, aludidas recorrentemente ao longo da obra. Encontramos assim a ideia de benefício público do comportamento correcto face aos deuses, estruturado em torno da exposição da ideologia cívica e das dinâmicas de expectativa social de disciplina. Tais atitudes complementariam a procura da *andragathia* na formação de cada cidadão, ao valorizar determinados comportamentos em reacção às personificações. É avançada a hipótese de esta dinâmica ter resultado de uma inovação do século VI a.C. numa suposta reforma de Quílon, em seguida aplicada num estudo de caso sobre o culto de *Phobos*, único na religião grega.

A terceira secção, dedicada aos ritos funerários, continua uma abordagem semelhante ao tratado para os *pathēmata*, articulando a procura da *andragathia* na organização e entendimento das práticas. Se uma certa diferenciação em vida pode ser alcançada pelo valor individual ao serviço da *polis*, esta separaria formalmente cada membro da comunidade aquando da sua morte: a forma de enterramento e o tipo de monumento fúnebre afasta os que cairão no esquecimento

dos que merecem permanecer na memória. Neste sentido, o autor propõe que em Esparta existiria uma clara hierarquia, com várias categorias intermédias, determinante para associar elementos rituais e suportes materiais funerários a cada morto. Segue-se um capítulo dedicado à relação entre comunidade e território, cuja tese central se foca na procura de garantia da protecção divina em função do controlo desse mesmo espaço: os deuses de Esparta protegem a Lacónia, devem ser levados com os próprios Espartanos nas expedições fora das fronteiras que, contudo, nunca os libertam de observar as devidas honras às divindades locais.

Em seguida, Richer desenvolve uma hipótese sobre a religiosidade espartana, em que lê uma aparente particularidade na associação de elementos do sistema em pares (de divindades, santuários ou estátuas de culto), procurando estabelecê-la como prova de uma tendência para a reflexão dicotómica característica da mentalidade dos *homoioi*. No entanto, é evidente a dificuldade sentida em separar os exemplos que oferece de formas elementares da língua e cultura grega, e o próprio autor admite que, a existir, não seria nem original nem exclusiva. Os dois capítulos seguintes focam-se nos homens e mulheres como actores do culto, abordando a questão dos critérios de participação nos ritos pelo prisma do paradigma da utilidade pública do acto religioso: às famílias tidas como tradicionalmente propensas a relações com determinadas divindades são reconhecidos privilégios de hereditariedade, a fim de manter a protecção divina que prestam à cidade. Também é desenvolvido o processo de institucionalização da consulta oracular em Esparta, e discutida a extensão da participação das mulheres na vida religiosa com base na documentação existente.

Seguem-se quatro capítulos que podem ser vistos como estudos de caso, focando-se nas três principais festas – Jacíntias, Gimnopédias e Carneias – e nos combates dos jovens em Platanistes. O autor aborda, para cada festividade, as principais teorias e os testemunhos de que dispomos para as trabalhar, e desenvolve, fundamentalmente, quatro tópicos – estrutura dos ritos, espectro de participação, enquadramento no calendário, significados do conjunto – antes de propor as suas interpretações. No primeiro caso, assume a tese de que as Jacíntias seriam uma celebração essencialmente espartana (deixando em segundo plano eventuais especificidades de Amiclas) e propõe uma componente dionisiaca substancial no culto. Quanto às Gimnopédias, prefere, à leitura de um nexo iniciático, a possibilidade de que o rito preservaria a memória de uma batalha na celebração do deus;

e sobre as Carneias, trabalha a proposta de uma entidade pré-dórica teriomórfica que teria sido sincretizada na figura de Apolo *Karneios*. Quanto aos combates, dedica uma longa reflexão sobre a validade das fontes tardias e as condições para que essas informações possam ser atribuídas a períodos anteriores da história de Esparta. O recuo leva o autor a construir paralelos com práticas romanas, macedônicas e védicas, concluindo pela hipótese de sobrevivência de um arquétipo estrutural em torno da legitimação real da diarquia espartana pelo combate, cristalizado como ritual.

A obra termina com uma proposta de organização do calendário religioso da cidade, na sequência das análises precedentes. No geral, Richer parece aceitar a imagem de que os Espartanos seriam particularmente pios entre os gregos, percepção reforçada com o enfoque nos comportamentos e na ideologia dos *homoioi*. Consequentemente, Periecos e Hilotas, tal como outras populações sujeitas da Lacônia, só pontualmente são aludidas enquanto participantes nas festas que, para o autor, não lhes pertencem na totalidade. Contudo, lembremos, toda a monografia ensaia, abertamente, uma interpretação de conjunto a partir das dinâmicas de um grupo específico da comunidade. Por isso, quando questionamos a validade de tal opção, encontramos-nos nos limites da programática avançada.

Martim Aires Horta

STEPHANIE PAUL (2013), *Cultes et sanctuaires de l'île de Cos*. (Kernos Supplément 28). Liège, Presses Universitaires de Liège, 442 pp. ISBN 978-2-87562-029-3 (40.00€).

Stephanie Paul apresenta uma monografia regional sobre a religiosidade da ilha de Cós, na sequência da sua tese de doutoramento, que revê completamente o estado deste assunto desde os esforços de Sherwin-White (1978). Trata-se de uma obra dotada de extensas e completas referências documentais, que aproveita na totalidade as potencialidades dos testemunhos epigráficos, fundamentais numa comunidade em relação à qual as fontes literárias não nos elucidam com particular profundidade e que, como a maioria das ilhas do Egeu, fica de fora do percurso de Pausânias. Este esforço inclui, sublinhe-se, os primeiros resultados da revisão da totalidade do *corpus* epigráfico da ilha nas *Inscriptiones Graecae* (Vol. 12/4, fasc. 1, 2010), que

completam o domínio total das edições fundamentais dos materiais (Paton-Hicks 1891, Maiuri 1925, Herzog 1928, Segre 1993-2007).

O tratamento aprofundado destas fontes, avançando, para os documentos mais relevantes, traduções comentadas com transcrição do grego ao longo do raciocínio monográfico, assim como a inclusão de um anexo dedicado à edição dos calendários oficiais dos cultos, colmata, em parte, a precariedade de acesso aos materiais e reforça o valor operativo da consulta. Mas a extensão deste esforço revela a sua maior pertinência pelo facto da ilha de Cós nos ter legado o mais relevante conjunto de contratos de venda de sacerdócios públicos. Esta categoria de inscrições, dotadas de força legal, eram usadas pelas autoridades para garantir a observância e exercício correcto do culto pelas partes envolvidas juntamente com as garantias de financiamento do próprio, mas também, quando necessário, para corrigir parâmetros específicos do seu funcionamento interno e da relação com a *polis*. Este fenómeno, além de ser uma janela para o quotidiano e gestão dos cultos, é um exemplo manifesto dos limites do conceito de *leges sacrae* como categoria documental epigráfica, que tem vindo, aliás, a ser claramente posto em causa nos últimos anos. Consequentemente, o trabalho da autora sobre este conjunto compreende um contributo relevante para o estudo deste tema.

O momento cronológico referencial da exposição corresponde, naturalmente, ao sinecismo das comunidades da ilha em 366 a.C., que motivou uma prolífera produção de testemunhos, reflectindo uma clara marca na dinâmica religiosa de Cós. Novas fundações e inovações com vista a estabelecer os cultos políades e a reflectir as novas dimensões do grupo e diferentes relações com o seu território é um tema que Paul coloca em primeiro plano. Ademais, a autora avança que as soluções encontradas e suas codificações testemunham uma comunidade que, no período helenístico, valoriza claramente a religião da *polis*, contrariando a tese de que esta teria sofrido uma certa decadência no mundo grego. O impacto do sinecismo, contudo, não apaga completamente estruturas precedentes da religiosidade da ilha: pelo contrário, Paul identifica continuidades que, de certa forma, chegam a assumir sentidos «contra-políades», como é o caso do culto de Apolo em Halasarna e as suas restrições na participação, sobrevalorizando o próprio *demos* em detrimento dos restantes habitantes da ilha.

A primeira parte da obra compreende um extenso levantamento dos cultos de acordo com a divindade principal e a sua localização geográfica. São identificados, com base nos documentos existen-

tes para cada caso, os diferentes elementos de cada rito articulado no culto, assim como a estrutura do corpo sacerdotal, as narrativas associadas, os diferentes epítetos usados, o estado dos santuários e a relação com outras divindades. A autora começa pelo núcleo urbano homónimo resultante do sinecismo, onde se concentram os cultos dos deuses da *polis*, mas que também assumem, entre as suas funções, a protecção particular dos membros da comunidade que de alguma forma se relacionam com o mar, como mercadores, capitães de navios ou embaixadas, chegando mesmo a duplicar os santuários com localizações suplementares no porto da cidade. Segue-se um capítulo dedicado ao recinto de Asclépio, santuário que se distingue por uma importância e projecção sem comparação com qualquer outro da ilha. Naturalmente, sendo o caso mais trabalhado pela historiografia precedente, oferece menos hipóteses de inovação para a autora que, reconhecendo-o, introduz o tema e desenvolve um extenso e completo estado da arte resumindo as questões essenciais, desde a constituição e origem do espaço, às práticas e dinâmicas rituais, tal como ao problema das restantes divindades que partilham o *temenos*. Os três capítulos seguintes dedicam-se aos cultos periféricos dos restantes *demoi*, revelando calendários próprios e particularidades panteónicas que demonstram uma relevante autonomia face ao sinecismo em complemento da dinâmica agregadora das comunidades em torno de cultos políades. A imagem traçada para estas entidades é, contudo, bastante desigual, algo que se deve fundamentalmente ao estado da documentação que condiciona as reconstruções da autora.

A segunda parte da obra procura a possível síntese da manifesta diversidade levantada, organizando a exegese por dois exercícios: a configuração do panteão local e a estruturação dos padrões rituais nos actos sob uma noção alargada de «práticas sacrificiais». A autora inicia o quarto capítulo com o exemplo de Apolo para ilustrar os limites das próprias propostas de interpretação: é manifesta a existência e importância do culto na ilha, mas a figura mostra-se relativamente apagada nos testemunhos, pelo que se deve inquirir se tal se deve a uma anomalia estatística na documentação ou a uma particularidade do sistema politeísta da ilha. Além desta precariedade, o esforço em categorizar as divindades pelo denominador de função no panteão nem sempre é claro pela sobreposição dos domínios de actuação, cuja variedade de combinações parece ser tanto mais marcada quanto menor é a escala da análise. Em todo o caso, é identificada clara-

mente a particularidade da associação Zeus/Atena sobre diferentes epítetos – *Phatrios/Phatria*, *Sōter/Sōteira*, *Alseios/Alseia* e *Machaneus/Machanis* – diferenciando de acordo com os diferentes papéis e grupos associados. A obra termina com o capítulo dedicado às características das «práticas sacrificiais», em que Paul assume claramente a perspectiva de que, tal como os panteões, também as estruturas do rito têm variações locais e que, com a redução da escala de observação e interpretação, a noção de um modelo estável, que possa ser projectado sobre os comportamentos, é seriamente posto em causa pelos testemunhos. São sinalizados paralelos e divergências com os supostos paradigmas da religião grega em relação a aspectos como a escolha da vítima, o tipo de consagração ou a forma das libações, e a autora desenvolve os exemplos específicos da ilha que maiores contributos podem dar ao debate.

Em suma, trata-se de uma monografia que claramente responde às potencialidades historiográficas das dinâmicas locais e regionais na religião grega e se assume como o trabalho de referência sobre os cultos de Cós. É avançada uma síntese que revê praticamente toda a documentação disponível, e esse conjunto de testemunhos é analisado criticamente, com bastante profundidade, reforçando a validade da consulta. Desta forma, enquanto estudo que aborda um espaço sobre o qual a relativa ausência de fontes literárias pode, à partida, colocar entraves à interpretação de um sistema local, é aplicado um método, particularmente próximo do que foi já avançado para a Arcádia por Madeleine Jost, que estabelece um denominador mínimo das realidades religiosas, mas validando, acima de tudo, a pertinência do uso dos materiais epigráficos para esse fim.

Martim Aires Horta

GUSTAVO GARCÍA VIVAS (2013), *Octavia contra Cleopatra. El papel de la mujer en la propaganda política del Triunvirato (44-30 a.C.)*. Madrid, Liceus Ediciones, 257 pp. ISBN 978-84-9714-039-3 (21.00 €).

O livro em epígrafe é o resultado da tese de mestrado de Gustavo García Vivas, apresentada à Universidad Autónoma de Madrid. Nele, é reavaliado o protagonismo político de Octávia, irmã de Octaviano/Augusto, e de Cleópatra VII, durante o segundo triunvirato (43-30 a.C.). A obra insere-se nas tendências historiográficas do último quartel do

século XX, designadamente nos chamados *gender studies*. Com uma revisão das fontes disponíveis sobre o período, o autor procura refutar alguns *loci communes* presentes na comunidade académica em torno do papel das matronas romanas na política.

A obra, precedida de um prólogo a cargo de Professor José A. Delgado da Universidad de La Laguna, divide-se em cinco capítulos, a que se juntam introdução e conclusão. O estudo inclui uma listagem de abreviaturas, bibliografia, índice onomástico e índice de autores citados. A bibliografia é cuidada e actualizada. Lamentamos, contudo, a ausência de um *index locorum* e de uma tabela cronológica que, a nosso ver, facilitaria a consulta do texto.

Ao introduzir (pp. 15-21), García Vivas justifica a intenção de desenvolver o tema proposto, apontando, ainda, as suas referências a nível académico. O autor propõe abordar este período da história romana de acordo com a metodologia proposta por Münzer e, principalmente, por Syme.

Em «Octavia entra en liza. 43-40 a.C.» (pp. 23-70), primeiro capítulo da monografia, é discutida a ascensão política de Octávia. Partindo da actividade de Octaviano, traçam-se alguns acontecimentos da vida da sua irmã: o matrimónio com Gaio Cláudio Marcelo, com uma breve abordagem de alguns aspectos pertinentes sobre a natureza jurídica do *matrimonium* romano; a acção de Octávia no Templo das Vestais e nas proscricções, ambas em 43 a.C. O autor elabora, ainda, uma breve biografia de Marco Cláudio Marcelo, filho de Marcelo e Octávia. É opinião de García Vivas que estes dois episódios demonstrariam a influência que a matrona romana teria sobre Octaviano. Essa preponderância vai materializar-se com o tratado de Brundísio (40 a.C.), onde foi acordado o casamento entre Octávia e o triúnviro Marco António.

O segundo capítulo «Octavia: clave de bóveda del sistema triunviral. 39-32 a.C.» (pp.71-108) centra-se, essencialmente, no período do casamento de Octávia com Marco António. É enfatizado o papel de Octávia no denominado «inverno ateniense» (39-38 a.C.) em que é sublinhado que a mulher de António foi essencial para a *grauitas* demonstrada pelo triúnviro nesse período. García Vivas volta a considerar a actividade de Octávia como actor político nos tratados de Miseno (39 a.C.) e Tarento (37 a.C.), que permitiu a extensão do triunvirato por mais cinco anos. É apontado que esta teve a função de *arbiter* na resolução do conflito entre os dois principais triúnviros (p.81). García Vivas acentua a resiliência de Octávia, em 35-34 a.C., ao recusar abandonar a casa de António em Roma. A irmã de Octa-

viano disporia de estatuto *sui iuris* (p.101). O estatuto *sui iuris* seria um exemplo paradigmático do ambiente de mudança da elite feminina romana nos finais da República. Empregando um termo «symeano», o autor considera que foi uma autêntica «revolución» (p.103). García Vivas finaliza o capítulo considerando que o *diuortium* entre António e Octávia, provocado pelo triúnviro, foi um grave erro político.

No terceiro capítulo «La heredera de un pasado milenário: Cleopatra VII. 43-35 a.C.» (pp. 109-153), o autor debruça-se sobre a actividade de Cleópatra VII. São discutidos pontos como: o apoio de Cleópatra à causa cesarista; a importância política de Cesarião; o primeiro encontro de António e Cleópatra em 41 a.C., em Tarso; a estadia do próprio em Alexandria no inverno de 41-40 a.C. ou as concessões territoriais do triúnviro a Cleópatra no inverno de 37-36 a.C. García Vivas conclui que, ao contrário das afirmações de muitos historiadores, Cleópatra era uma mulher perspicaz com tacto político, e que pretendia através da aliança com António manter o Egipto sob a protecção de Roma.

No quarto capítulo «La ruptura definitiva. 35-32 a.C.» (pp.153-184), são tratados os motivos que levaram à ruptura do triunvirato e a guerra propagandística que se seguiu. O autor aponta o triunfo celebrado por António em Alexandria (34 a.C.) como um erro político decisivo para a causa do triúnviro. O triunfo, tradicionalmente celebrado na *Vrbs*, seria considerado um insulto a Roma. Realça-se, seguidamente, a intensificação da batalha propagandística no biénio 33-32 a.C., assinalando duas deserções do campo antoniano: Lúcio Munácio Planco e Marco Tito. García Vivas acredita que a divulgação pública do conteúdo do testamento causou um efeito negativo na opinião pública romana e acabou por ser essencial para Octaviano legitimar a guerra civil: o inimigo não seria António, mas a sua *domina*, Cleópatra VII (p. 179).

No último capítulo «Los dioses abandonan Cleopatra. 31-30 a.C.» (pp.185-209), o autor discute a queda de António e Cleópatra, abordando, principalmente, os acontecimentos decorrentes da derrota de Áccio (31 a.C.). Com especial ênfase são narrados os últimos momentos da rainha do Egipto (pp. 198-205), seguindo-se as várias hipóteses de suicídio de Cleópatra VII. É apontado o carácter lendário que a morte de Cleópatra adquiriu para a posteridade graças à literatura augustana (p. 208).

Ao concluir, García Vivas realiza um breve resumo das questões abordadas, destacando o papel das mulheres na sociedade romana

em comparação com a sua quase insignificância na sociedade grega. É sublinhado o intuito do estudo: realçar a autonomia política das duas mulheres visadas, não como subordinadas a Octaviano e Antônio, mas como *feminae politicae*.

Esta obra é um contributo assinalável para a história das elites femininas romanas. Seria, no entanto, impossível que numa obra desta envergadura não houvesse algumas pequenas observações a assinalar. Poderiam ter sido discutidos com maior pertinência a origem, influência e ambiente da produção das fontes citadas. Lamentamos, igualmente, a quase completa ausência do testemunho de Flávio Josefo, fonte essencial para compreender o período de estadia de Antônio no Próximo Oriente e, principalmente, no tratamento da imagem de Cleópatra VII. Seria também desejável que o extenso *corpus* numismático fornecido na obra acompanhasse o texto produzido (e.g. pp.35-36). Como complemento a este trabalho, seria importante uma aproximação ao estudo da terceira mulher de Antônio, Fúlvia, baseado em dois tópicos: os traços retóricos do comportamento de uma matrona romana (Octávia vs Fúlvia) e os paradigmas de alteridade (Fúlvia vs Gláfrica). Notamos a ausência do testemunho de Sen. *Suas.* 1.6. (pp.78-79). Na p.174, o autor propõe analisar as deserções de Planco e Aenobarbo, quando, porém, analisa as de Planco e Marco Tito.

No seu conjunto, o livro em recensão reveste-se do maior interesse e importância para o estudo do uso da propaganda como História. O tratamento de que dispõem Octávia (normalmente subvalorizada no tratamento da elite feminina romana no século I a.C./d.C.) e Cleópatra VII constitui-se como uma mais-valia para os *gender studies*, tanto pela aposta na temática, como pela abordagem original.

João Paulo Valério

CHRISTIAN LAES et JOHAN STRUBBE (2014), *Youth in the Roman Empire. The Young and the Restless Years?*, Cambridge, Cambridge University Press, 256 pp. ISBN 978-1-107-04888-1 (hardback, £60.00), 978-1-107-62672-0 (paperback).

Este livro é uma versão inglesa de um original publicado em neerlandês, em 2008, *Jeugd in het Romeinse Rijk: Jonge jaren, wilde haren?*, que segue os trabalhos e investigação desenvolvida por E.

Eyben, no âmbito dos estudos sobre a juventude na Roma Antiga. Com efeito, como têm demonstrado os seus trabalhos, C. Laes é um dos académicos que mais se tem dedicado a esta problemática, no seguimento de Eyben. O livro agora publicado em parceria com J. Strubbe vem confirmar a qualidade dos estudos previamente publicados por Laes, mas também trazer novas abordagens e perspectivas que foram reconhecidas pela editora de Cambridge, ao ponto de nos oferecer esta versão em língua inglesa.

Um dos méritos deste volume, que destacamos desde já, é o facto de os seus autores terem decidido apresentar como capítulo introdutório uma síntese que diz respeito sobretudo à teoria subjacente à problemática estudada. O que se deve entender por «juventude»? Assim, Laes e Strubbe não escapam à complexidade da tarefa e propõem a sua análise, incluindo teses e perspectivas de autores tão importantes quanto Margaret Mead, Philippe Ariès, Lawrence Stone e o próprio Emiel Eyben. Cada um destes autores trabalhou em domínios distintos, da Antropologia à História, da História Antiga e Medieval à História Moderna, mas todos com a preocupação comum de analisar a problemática da juventude. Este capítulo, por si só, teria valido esta publicação, dada a sistematização e síntese apresentadas.

Os restantes doze capítulos do livro centram-se em análises concretas do tema da juventude na Roma Antiga, levando em conta questões tão pertinentes quanto as ideias de «minoridade» e de «maioridade» (as tão celebrizadas «idades do homem»), terminologia, rituais de passagem, questões médicas, educação, sociabilidade, comportamentos e casamento. É ainda incluída uma importante rubrica sobre as perspectivas pré-cristãs e cristãs do tema, sendo esta da maior importância, uma vez que o assunto é diacrónico e por isso torna-se relevante perceber as rupturas, se as há, ou as continuidades.

Uma bibliografia final e um índice remissivo contribuem também para a qualidade do volume. Mas seria pertinente, ou mesmo desejável, a existência um índice de passos citados, dado que a investigação de Laes e Strubbe se centra fortemente em fontes literárias. De qualquer modo, este é mais um valioso contributo para o estudo da história social e das mentalidades da Roma Antiga.

Nuno Simões Rodrigues

JOANNA PAUL (2013), *Film and Classical Epic Tradition*, Oxford, Oxford University Press, 334 pp. ISBN 978-0-19-954292-5 (£82.00).

Este livro corresponde à tese de Doutoramento da A., sendo seu objectivo o estudo das relações entre o cinema e a tradição épica antiga. O tema insere-se, por conseguinte, na problemática mais ampla da presença da Antiguidade no Cinema.

Depois de uma útil discussão teórica, em que a A. debate a ideia de «épico», tanto na literatura quanto no cinema (na qual conclui que nem sempre é fácil definir o conceito em análise nem distinguir um texto ou metatexto como épico), Paul revisita uma série de películas já analisadas noutros foros e por outros autores enquanto matéria de utilização da Antiguidade no Cinema, mas agora sob a perspectiva da epopeia ou do épico como categoria.

Assim, lá reencontramos capítulos dedicados aos Poemas Homéricos e aos *Argonautica*, como não podia deixar de ser, tanto mais que, no domínio da literatura, estes são os textos em que a questão do «épico» é uma evidência, pelo menos quanto a temática de debate.

Mas não deixa de ser igualmente pertinente a presença de outros filmes, que, não se baseando propriamente em textos tidos como épicos, se consagraram, enquanto metatextos, como tal, pelo menos de acordo com as perspectivas de alguns. Esses são os casos de *The Fall of the Roman Empire* e *Gladiator*, de *Spartacus* e de *Ben-Hur*. Como notámos, apesar de os estudos acerca destas películas não serem de modo algum uma novidade científica, bem antes pelo contrário, a perspectiva que J. Paul lança sobre elas é fresca e permite a reformulação das leituras que deles doravante faremos.

Igualmente interessante é a inclusão de um capítulo sobre a paródia cinematográfica, tão em voga hoje em dia, e na qual podemos igualmente encontrar elementos teóricos válidos para a discussão central do volume. A título de exemplo, citamos simplesmente o caso do hilariante *Carry on Cleo* de 1964, o qual parodiava sobretudo o então recente *Cleopatra*, protagonizado por Taylor, Burton e Harrison.

O livro em recensão inclui ainda algumas ilustrações alusivas ao tema. Assinale-se ainda a bibliografia final com importante informação actualizada e o índice remissivo, os quais contribuem também para a qualidade do volume. Por outro lado, lamentamos a inexistência de um índice de passos citados.

Nuno Simões Rodrigues

KONSTANTINOS P. NIKOLOUTSOS (2013), ed., *Ancient Greek Women in Film*, Oxford, Oxford University Press, 376 pp. ISBN 978-0-19-967892-1 (£84.00).

Este é um livro publicado com a chancela da prestigiada casa Oxford, incluído na coleção «Classical Presences», dirigida por L. Hardwick e J. I. Porter e em boa hora criada. O livro está dividido em cinco partes e centra-se na problemática da recepção de figuras femininas da Cultura Grega no Cinema. Trata-se portanto de uma fusão, bem moderna note-se, dos «Classical Studies» com os «Film Studies» e os «Gender Studies».

A primeira parte é dedicada à figura de Helena e conta com estudos de B. Vivante e de R. Blondell. O trabalho da primeira autora centra-se numa perspectiva comparatista entre os filmes de R. Wise e de M. Cacoyannis. Já o estudo de R. Blondell constrói-se ao longo de uma análise assente nos Poemas Homéricos, visando todavia os filme de W. Petersen. A segunda parte do volume tem como personagem central Medeia e é constituída por três estudos que se centram no famoso *Jason and the Argonauts* de 1963 (K. Ormand) e nas *Medea* de Pasolini (S. O. Shapiro) e de Lars von Trier (A. M. Baertschi). A terceira parte tem como protagonista Penélope, sobre a qual J. Paul escreve, partindo do filme de M. Camerini, *Ulisse* de 1954. Mas esta parte conta ainda com um importante estudo de perspectiva diacrónica e global, da autoria de E. Hall, a qual analisa as várias abordagens cinematográficas da *Odisseia*, feitas entre 1963 e 2007, e partindo da personagem de Penélope. Enquanto as três primeiras partes do volume são centradas em caracteres específicos, as duas últimas reúnem várias outras figuras, menos destacadas no cinema, todavia igualmente presentes. Assim, na quarta parte, sob o título «Other Mythical Women», A. J. Pomeroy estuda as mulheres de Hércules, enquanto A. Bakogianni se dedica a Clitemnestra e Ifigénia, a partir do famoso filme realizado por M. Cacoyannis em 1977. Já H. R. Marshall disserta sobre as presenças femininas em *Prometheus* de T. Harrison. Por último, a quinta parte inclui estudos sobre «Historical Women», entre os quais podemos ler a interessante análise que K. P. Nikoloutsos, que é igualmente o editor do volume, faz da rainha espartana Gorgo. Os últimos dois estudos trazem para o volume as figuras de Olímpia do Epiro (num estudo de K. Day) e de Cleópatra VII, aquela que será, eventualmente, a mais cinematográfica das figuras clássicas. Esta é reanalisada por L. Llewellyn-Jones.

Uma breve leitura deste volume permite-nos, desde logo, intuir a qualidade científica dos textos, a qual deriva directamente da qualidade e mérito dos seus autores, entre os quais reconhecemos alguns dos nomes mais prestigiados e importantes da actualidade no domínio das Ciências da Antiguidade. Mas essa intuição acaba por ser confirmada com a leitura dos vários contributos aqui reunidos. As abordagens propostas sugerem leituras novas ou consolidam outras, confirmando ao mesmo tempo a importância que o estudo do tema da Antiguidade no Cinema tem vindo a ganhar nos últimos anos.

O livro em recensão é ilustrado com um importante número de figuras alusivas aos vários temas estudados. A bibliografia final e o índice remissivo contribuem também para a qualidade do volume. Uma palavra ainda para a belíssima escolha que foi trazer para a capa uma imagem da *Ifigénia* de Cacoyannis, filme realizado em 1977, na qual vemos Irene Papas (Clitemnestra) e Tatiana Papamoschou (Ifigénia).

Nuno Simões Rodrigues

MONICA S. CYRINO (2013), ed., *Screening Love and Sex in the Ancient World*, New York, Palgrave MacMillan, 278 pp. ISBN 978-1-137-29959-8 (£60.00).

O volume coordenado por M. S. Cyrino, conhecida especialista no domínio das presenças da Antiguidade no Cinema, apresenta uma série de propostas que se definem por leituras, ou releituras, de adaptações contemporâneas de temas antigos no cinema, mas agora sob a perspectiva do amor e da sexualidade. O livro está dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada a adaptações cinematográficas de mitos e de obras literárias (como os mitos de Pandora, de Prometeu, de Ulisses ou do rapto das Sabinas) e a segunda centrada em versões fílmicas de personagens ou acontecimentos históricos da Antiguidade Clássica (como a batalha das Termópilas, a figura de Alexandre-o-Grande, Espártaco, Marco António, Boudica e Hipácia).

Com efeito, a cultura contemporânea, com mais ou menos ênfase, tem acentuado as perspectivas erótico-sexuais nas distintas versões e adaptações que tem feito de temas antigos no cinema. Essa tendência vem ao encontro, naturalmente, da recepção entre as audiências, umas vezes mais outras menos atenta e interessada nos temas

em causa. Assim, se o *Spartacus* de S. Kubrick e Kirk Douglas, por exemplo, era essencialmente um manifesto político feito em meados do século XX e no seguimento de todo um historial do tema, desde pelo menos os finais do século XVIII, a recente versão da STARZ, por exemplo, oferece ao espectador uma visão completamente distinta da figura do escravo-gladiador, centrando a narrativa em aspectos dos quais salta à vista a importância dada ao corpo, ao erotismo e à sexualidade. Neste caso em concreto, até mesmo a perspectiva homossexual é salientada e trazida para a ribalta como talvez nunca antes tenha sido em filmes ou produções desta temática. A este propósito, vide os interessantes estudos de A. Augoustakis («Partnership and Love in *Spartacus: Blood and Sand* (2010)», pp. 157-165) e de A. K. Strong («Objects of Desire: Female Gazes and Male Bodies in *Spartacus: Blood and Sand* (2010)», pp. 167-181) neste volume.

A pertinência e a actualidade do tema fazem deste volume uma obra do maior interesse para a investigação contemporânea no domínio das Ciências da Antiguidade. É ainda de destacar a presença de textos de autores como A. Augoustakis, A. Futrell e J. Paul, os quais têm já escrito e publicado trabalhos da maior importância sobre estas problemáticas, bem como a editora geral do livro, M. S. Cyrino, naturalmente, a quem devemos alguns dos primeiros estudos sobre a conhecida série televisiva da HBO, *Rome*.

O livro em recensão é ilustrado com um importante número de figuras alusivas aos vários temas estudados. A bibliografia final e o índice remissivo contribuem também para a qualidade do volume.

Nuno Simões Rodrigues

PANTELIS MICHELAKIS (2013), *Greek Tragedy on Screen*, Oxford, Oxford University Press, 267 pp. ISBN 978-0-19-923907-8 (£58.00).

O estudo publicado por P. Michelakis insere-se nas problemáticas da recepção da Antiguidade Clássica, em particular da recepção no Cinema, mas tem a particularidade de não abordar o tema a partir da teoria dos estudos de caso.

Com efeito, o que Michelakis faz é estabelecer uma série de categorias, designadamente «O espectador», «A canonicidade», «A adaptação», «Palavra e Imagem», «Os meios», «O género», «História», «Tempo» e «Espaço», e recolher das suas fontes (as adaptações

cinematográficas) a informação que lhe serve para concluir acerca de cada uma delas. Esta é, quanto a nós, a grande originalidade e até mesmo mais-valia deste livro.

O outro aspecto a ser salientado é o *corpus* considerado e que podemos dividir em três grandes grupos. Há o grupo das adaptações «clássicas» das tragédias clássicas, em que se incluem produções cinematográficas/televisivas, como a *Antigone* de D. Taylor (1984) ou a *Electra* de M. Cacoyannis (1962). Há o grupo das adaptações «modernizadas» ou relocalizadas no espaço e no tempo, como *Appunti per un'Orestiade africana* de P. P. Pasolini (1972) e a *Phaedra* de Jules Dassin (1962). E há o grupo das «inspirações», digamos assim, ou influências nos e dos textos clássicos, como *The Searchers* de J. Ford (1956) e *Mighty Aphrodite* de W. Allen (1995). Por outro lado, estranhámos na lista filmográfica apresentada no final a ausência de títulos como *Mourning becomes Electra* de D. Nichols (1947).

O estudo que o A. faz é incisivo e da maior pertinência, porque não só se analisa a presença das estruturas narrativas do trágico antigo na cinematografia como também a dos elementos definidores do trágico, «canonizados» sobretudo pela *Poética* nesses mesmos documentos. Permite-se assim concluir da continuidade desta herança clássica na cultura contemporânea.

Nuno Simões Rodrigues

Editor Principal:
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos:
Amílcar Guerra
Luís Manuel de Araújo

Assistentes de Edição:
Catarina Almeida
Eduardo Ferreira
Maria Fernandes
Martim Aires Horta
Tiago de Oliveira Alves

Redacção:
Amílcar Guerra
António Joaquim Ramos dos Santos
Cláudia Teixeira
José Candeias das Sales
Luís Manuel de Araújo
Maria Ana Valdez
Maria de Lurdes Palma
Nuno Simões Rodrigues
Ricardo Tavares
Rogério Sousa
Telo Ferreira Canhão

Comissão Científica:
Antonio Loprieno
Eva Cantarella
Francolino Gonçalves
Giulia Sissa
John J. Collins
José Augusto Ramos
José Manuel Roldán Hervás
José Ribeiro Ferreira
Josep Padró
Judith P. Hallett
Juan Pablo Vita
Julio Trebolle
Ken Dowden
Lloyd Llewellyn-Jones
Maria Cristina de Sousa Pimentel
Maria de Fátima Sousa e Silva
Monica Silveira Cyrino

2015



LISBOA

Centro
de História

Α Β Γ Δ Ε Ζ Η Θ Ι Κ Λ Μ Ν Ξ Ο Π Ρ Σ Τ Υ Φ Χ Ψ Ω

תורה נביאים וכתובים ספר ד

FACTVRVSNE OPERAE PRETIVM